



IRS. Ideia de pagar menos 50% não convence os emigrantes portugueses



O incentivo anunciado por António Costa para levar os emigrantes a regressar a Portugal não os convence. Jovens ouvidos pelo *i* apontam os salários baixos, o custo de vida elevado e as dificuldades de progressão na carreira como os principais obstáculos

SÓNIA PERES PINTO
sonia.pinto@ionline.pt

Pagar menos 50% de IRS não convence os emigrantes portugueses ouvidos pelo *i*. Apesar de reconhecerem que é um incentivo para regressarem ao seu país de origem a opinião é unânime: os salários praticados no mercado nacional continuam a ser muito baixos quando comparados com os valores que estão a receber lá fora. Em causa está a medida avançada por António Costa que fala em desconto de de 50% no IRS aos emigrantes que saíram do país entre 2011 e 2015 e que regressem entre 2019 e 2020.

Apesar de ainda não se saberem muitos detalhes sobre como

é que esta medida poderá ser aplicada, tudo indica que a dedução dure entre três a cinco anos.

Para Filipa Baptista, a trabalhar fora há 17 anos, a medida peca por ser insuficiente. Depois de uma curta passagem pelo mercado português no último ano, garante: “é preciso muito mais para voltar a Portugal do que uma redução de 50% dos impostos. As casas são caras, os salários são baixos e a progressão na carreira é difícil”, diz ao *i* a técnica de turismo.

Na bagagem tem a passagem por várias cidades europeias, onde tem trabalhado em várias cadeias de hotéis: Dublin, Genebra, Tenerife, Paris, San Sebastian. Neste momento está em

França e não hesita: “o mais importante seria criar condições para que os portugueses não sejam obrigados a emigrar. Além disso, não acho justo em relação a todos os que pagam os impostos a 100%”, refere.

Filipa garante que o único trabalho remunerado que teve em Portugal foi a recibos verdes num projeto de uma autarquia. “É triste quando o próprio Estado é cúmplice de trabalho precário. Este sistema não existe em nenhum outro país. Mas também é verdade que prefiro viver no estrangeiro. O estilo de vida, as condições de trabalho, a comunicação, a cultura, o lazer estão de acordo com as minhas expectativas. Portugal é ainda, nal-

guns domínios, um país elitista, fechado e excessivamente burocrático”.

Também para António Coelho, emigrante na Polónia, o regresso a Portugal, de onde saiu há cerca de três anos e meio, não está nos seus planos e o “desconto” de IRS não vai ter, no seu entender, qualquer impacto na decisão de muitos dos trabalhadores que estão fora do país.

A par do salário também as condições de trabalho e a mentalidade têm muita influência. E o engenheiro informático dá um exemplo: “quando trabalhava numa consultora em Portugal fazia horas a mais, trabalhava durante a noite e fim de semana e no final era capaz de ser

Jovens preferem falar em salários e em estabilidade do que em descontos no IRS

Medida deverá durar três a cinco anos a quem regressar entre 2019 e 2020



Contabilistas comparam medida à do IRS para estrangeiros

BE que acabar com IRS especial para estrangeiros já em 2019

Para a bastonária da Ordem dos Contabilistas Certificados, a ideia de reduzir o IRS em 50% para os jovens que regressem ao país poderá ser comparada ao que já existe no Regime dos Residentes Não-Habituais. “Há sempre alguém que pode dizer que é injusto para quem nunca saiu do país, mas também é importante trazer esses quadros que saíram de Portugal novamente para o país, pois só assim é que a economia portuguesa pode crescer”, refere ao *i*, Paula Franco.

O que é certo é que este IRS especial para estrangeiros permite há vários anos condições vantajosas para cidadãos repatriados e que o Bloco de Esquerda quer pôr fim já no próximo ano. “Temos de medir, enquanto sociedade, se de faz sentido haver pessoas a pagar IRS de 20% quando o resto dos trabalhadores paga o seu IRS de acordo com a tabela geral. Temos as maiores dúvidas sobre a eficácia deste regime – as maiores – e até agora o governo não foi capaz de as esclarecer”, já afirmou Mariana Mortágua.

Trata-se de uma medida que dá um benefício de 20% no IRS para quem vier trabalhar para Portugal por conta de outrem ou por conta própria em atividades de elevado valor acrescentado, com caráter científico, artístico ou técnico.

Mas, ao contrário deste regime que não abrange todas as profissões, a nova medida não deverá ser restritiva quanto às profissões. Isto porque está pensada para atrair quadros jovens e, como tal, não deverá ter restrições relativamente ao nível de qualificações, idade ou nacionalidade (um estrangeiro que viveu em Portugal deverá regressar com este regime). *S.P.P.*

compensado com mais um dia de férias. Aqui como na Alemanha, onde também estive empregado, os trabalhadores são mal vistos se tiverem de ficar até mais tarde. Só mesmo em situações muito excecionais, sempre a pedido da entidade patronal e não por iniciativa do trabalhador como acontece em Portugal”, afirma ao *i*.

Outro obstáculo apontado pelo engenheiro informático para o seu regresso diz respeito ao elevado custo de vida no mercado nacional. “Os custos relacionados com a habitação são muito elevados. É quase incomportável comprar ou arrendar uma casa no nosso país com os ordenados que são pagos”.

“SABE A POUCO” Sofia Nunes, emigrante em Londres desde 2005, reconhece que a medida “sabe a pouco”, principalmente se for tido em conta os salários praticados em Portugal. “Ainda não fiz contas, mas acredito que mesmo com o incentivo de 50% do IRS, a diferença salarial vai ser muito significativa”, diz ao *i*. Ainda assim, a gestora de risco de crédito admite que está nos seus planos o regresso ao país. “Estou a pensar em voltar, não sei quanto é que estão a pagar na minha área, mas para quem tem esses planos este incentivo poderá dar um empurrão para que essa tomada de decisão seja tomada de forma mais rápida”, garante.

CARREIRA INTERNACIONAL Ao contrário dos outros emigrantes ouvidos pelo *i*, Gonçalo Silva nunca trabalhou em Portugal, já que quis apostar numa carreira internacional. Em Londres há um ano, passou antes por Macau e por Budapeste.

Além das condições salariais, onde o ordenado mínimo em Londres rondam as mil libras (cerca de 1100 euros) Gonçalo destaca a possibilidade de progredir na carreira. “Trabalho na hotelaria. Nunca iria ganhar cá o que recebo fora, sem falar nas hipóteses de progressão de carreira. No nosso país os obstáculos são sempre muito grandes e a mentalidade é muito retrograda”, conclui.

A proposta de redução de 50% no IRS, avançada pelo primeiro-ministro, não é suficiente para cativar a atenção de jovens emigrantes que saíram do país nos últimos anos

DIANA TINOCO